

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

JOÃO DE MEIRA NAS LETRAS E NA MEDICINA.

PINA, Luís de

Ano: 1963 | Número: 73

Como citar este documento:

PINA, Luís de, João de Meira nas Letras e na Medicina. *Revista de Guimarães*, 73 (3-4) Jun.-Dez. 1963, p. 405-436.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

João de Meira nas Letras e na Medicina (*)

por LUÍS DE PINA

Não vai há muitos anos que em Lisboa, ao principiar certa conferência sobre os médicos que foram artistas (músicos, poetas e prosadores), lembrava eu que em carta da capital a seu sobrinho no Porto o tripeiro ilustre que foi Júlio de Matos escrevia, em 13 de Maio de 1914:

«Pois é verdade: fatigado da psiquiatria, tenho-me voltado para os artistas. Variar o trabalho mental é ainda o melhor meio de descansar». (1)

O insigne alienista, cujo nome está enlaçado, na cidade de Ulisses ao manicómio que tanto lhe deve, descansava na verdade, e bem, no trato com os artistas. Com que grata emoção ele refere em outra carta o enlevo das tardes musicais do grande David de Sousa, em Lisboa, que eram o seu «regalo dominical», há 45 anos, como esse em que ouvira «soberbos trechos» de Wagner, de Grieg e de Beethoven.

(*) Conferência proferida no Liceu Nacional de Guimarães na noite de 3-XII-1963, promovida pela Associação dos Antigos Alunos do mesmo Liceu.

(1) Refiro-me à conferência publica em «Temas Culturais», I, pelo S. N. I., Lisboa, 1961. A carta de Júlio de Matos faz parte da sua correspondência arquivada no *Museu de História da Medicina* da Faculdade de Medicina do Porto.

Aí fica, para começarmos, repetindo palavras de então, uma das motivações que podemos considerar na Psicologia da relação das artes técnicas com as do espírito. O celebrado *violino de Ingres*, ontem, como hoje e como sempre, é a deliciosa metáfora com que se encoberta aquilo que em Psicologia se chama a *defesa do Eu*, como a explicam Seashore ou Katz, Alexandre ou Mira y López. É este quem sistematiza tais processos psico-afectivos com que o sector ióico da consciência (são palavras suas) consegue dispor de recursos para «sortear los escollos, superar los conflictos y dominar las frustraciones que pueden derivarse» de incompatibilidade, de tendências internas, ou de obrigações externas; e também de desacordo entre aspirações e meios, entre esforços e logros, entre logros e satisfações (1).

O sábio Ramón y Cajal, respeitadamente a si próprio e às suas lucubrações literárias, dissera coisa parecida há muito, no prefácio das suas *Charlas de café* (2).

Repetindo-me, porque vem a propósito, direi que é sabido sobejamente também quanto, dentro dessa mesma dinâmica psíquica e volitivo-afectiva, são frequentes atitudes e estados de consciência que se explicam por insatisfação na rotina profissional, por intenso e inabalável desejo de extraversão do permanente materialismo dos mestres técnicos.

A música, obras de ficção, as viagens, a investigação histórica, a Arqueologia, os desportos, a floricultura, o coleccionismo, as artes plásticas, são campos férteis onde tais processos defensivos do nosso Eu se desenvolvem favoravelmente, sem esquecer, como dos mais sedutores, a actividade literária, mormente a Poesia, como o Jornalismo, a Crítica, a Epistolografia, a Oratória de toda a ordem. Isto suposto, repetiria ainda o que então dissera, que algumas das figuras médicas que poderíamos evocar e invocar sobressairam na sua roda pelo efeito desses e outros delicados processos psicológicos, a que vamos referir-nos. Em outras, porém, haveríamos de

(1) MIRA Y LÓPEZ. *Psiquiatria*. I. *Psicología médica y Psicopatología*. Buenos-Aires, 1952. Pág. 140.

(2) RAMÓN Y CAJAL. *Charlas de café!* Buenos-Aires, 1950.

encontrar mais profundas razões de sua sobrevalência na profissão que escolheram ou aceitaram por conselho alheio.

No primeiro caso, entram no processo forças de vocação e aptidão, tendências inatas irrefreáveis, compatíveis com qualquer ofício ou mester. No segundo, a esperada, inevitável fuga de estado de constrangimento, por vezes angustioso, molesto, permanentemente indesejado.

Em ambos os casos, tais médicos exprimem na sua obra literária ou artística o tom real do seu temperamento, dum Eu fortemente moldado nas formas científicas da necessária preparação técnica, e realística, esclarecido pela constante sondagem e visão da miséria fisiológica dos seus doentes.

Explicáramos então quanto e como se suprimem em obras de arte, literárias ou plásticas, tantas das tendências congénitas e, sem dúvida, as reacções recalcativas dessas tendências, frequentemente transformadas em estados complexuais de vária ordem.

Não rareiam os ensejos em que certos fenómenos defensivos do Eu — substituição, repressão, sublimação e outros — estão na base de exteriorizações artísticas do Homem. O médico-pintor ou literato, colecionador, desportista ou amador de música e de Teatro não fugiria à regra. Com certa razão Nietzsche, como lembrámos, afirmava no *Para lá do bem e do Mal* que a vontade de sobrepujar um affecto nada mais representaria do que o desejo de um outro affecto, de outros affectos.

Nos médicos, porém, o realismo da vida — expresso em tanta da sua obra literária (tal em Torga, em Santareno, em Araújo Correia, como o fora em Fialho ou Laranjeira), o realismo da vida não lhes afoga o sentimento affectuoso pelo pobre, pelo que sofre, pelo desamparado, que tanto devem ao amor dos médicos, que deles, por vezes frequentíssimas, nada mais recebem do que a velha locução portuguesa: *Deus lhe pague!*

Sabe-se que as diversões literárias ou plásticas dos médicos nem sempre se contemplam ou observam sem surpresa, para não dizermos suspeita ou desconfiança. Recorde-se como o médico Júlio Dinis nas *Pupilas* demonstra esta verdade perante o próprio esculápio

amoroso e poeta Daniel das Dornas, com seus fortuitos versos à trigueira filha do João da Esquina!

Dissera um dia Luís Peisse — e o recordei a seu tempo (1)—ao versar certo capítulo sobre médicos poetas:

*Un médecin poète, pourquoi non?
Chacun à ce métier
peut perdre impunément de l'encre et du papier.*

E Peisse garantia — e nós o garantimos, que os versos, como a prosa, são de direito comum. Quando os médicos os criam e escrevem, não perderão muito com isso, nem eles, nem os versos!

Lembrámos nós tantos dos que, cientistas de vários géneros, dedicaram cuidados às Belas-Letras e às Belas-Artes. De S. Lucas de Antióquia — o insigne escritor de um dos Evangelhos e pintor da figura de Nossa Senhora, Mãe de Deus; de Aristóteles, que o precedeu três séculos, que deu ao mundo da Cultura a sua famosa *Arte poética*, não escasseiam exemplos.

Vem a jeito repetirmos o que em outro lugar disserámos e agora não saberia expor de melhor forma, acerca de não terem desdenhado das Musas alguns dos maiores homens da Medicina de todos os tempos, um Gregório Marañon, um Claude Bernard, um Osler, um Ramón y Cajal ou Egas Moniz. Sem esquecermos outros de nomeada, Tchekov e Duhamel, Axel Munthe ou Eugénio Sue, Borodine, Schweitzer ou Somerset Maugham, a médica Helen Ashton com seus *Doutor Serocold* ou a *Vida de um médico*; o psiquiatra parisiense Jean Delay, da Academia Francesa; os novelistas espanhóis Filipe Trigo ou Pio Baroja; Hovelock Ellis; os humanistas Daremberg e Littré; o psiquiatra espanhol Juan Giné y Partagás, com seus livros *Un viaje a Cerobrópolis* e *Mis-térios de la Locura*.

E outros como Montaigne e Rabelais; ou Clemenceau e Kubitschek de Oliveira, ambos opulentos oradores políticos, aquele criador da vitória aliada da Grande Guerra, este promotor da Arte-nova urbanística de *Brasília!*

(1) In *Letras e Medicina. Uma secular escola portuense*. Confer. cit. na nota 1 da primeira pág.

Quantos médicos da Escola portuense saíram ou por lá mesmo se haviam revelado como letrados ou artistas plásticos, dramaturgos ou poetas, pintores ou escultores, jornalistas e músicos, oradores e historiadores! De Júlio Diniz a José Leite de Vasconcelos, Ricardo Jorge, a Custódio Duarte e João Barreira, a José Augusto Vieira, a António Patrício e Manuel Laranjeira, a tantos mais de nossos tempos, Hernani Monteiro, Figueira Lopes, Campos Monteiro, Mário Sacramento, Araújo Correia, José Crespo e Veiga Pires; Barata da Rocha e Américo Pires de Lima; Abílio Mesquita, Artur Araújo e tantos mais.

De outras escolas médicas, quantos?! Júlio Dantas e Fialho, António José de Almeida e Teixeira de Queiroz, Reis Santos e Ladislau Patrício; Marcelino Mesquita e Brito Camacho; Arlindo Monteiro e Augusto d'Esaguy; Sousa Viterbo e Azevedo Neves; Egas Moniz, Reinaldo dos Santos e Fernando Namora ou Menano; Eduardo Coelho; Miguel Torga e Henrique de Vilhena; Tomás de Carvalho e Bento de Sousa; Rocha Brito; Bombarda e Gouveia Osório; Samuel Maia, Queiroz Ribeiro e Jaime Cortezão, que estudara, a mor parte do curso, na Escola portuense; João Sucarelo, Rodrigo Paganino e Morais Sarmento, dos mais antigos, como Estêvão de Castro, João Bocarro ou Domingos Bracamonte. Sem aludir a outros mais que nas Artes plásticas foram notórios, célebres como o Prof. Abel Salazar, vimaranense, grande na arte, como na Ciência histológica, em que se internacionalizou; tais outros que honraram ou honram a Arte, Manuel Monterroso e Virgílio Ferreira, Rufino Ribeiro ou Alberto de Sousa, José Magno e outros, todos da Escola médica do Porto.

Como desta foi o musicógrafo e mestre do Conservatório de Música do Porto, Dr. Alberto Brochado; como nela se formou o seu sucessor no mesmo instituto, Dr. José Delerue que, com Macedo Pinto, são exímios executantes pianistas. Dentro de dias será inaugurada no Porto grande exposição das obras de muitos artistas-médicos, cujo elenco não posso agora aqui anunciar, pintores, escultores, gravadores, fotógrafos...

Já nem falo de médicos estrangeiros ingressos no mundo das Letras e das Artes, rol que seria enorme. Desisto de o fazer, mas retomarei o assunto em qualquer maré a que Deus me permita chegar.

Não passarei adiante sem, contudo, aludir uma vez mais às motivações artísticas dos médicos, sejam elas criadoras ou apenas estimuladoras de muito amor às Artes e às Letras, sem pròpriamente as cultivarem.

A necessidade de suavizar com beleza a rotina da sua resistência profissional — embora multiforme e sempre surpreendente — dores, chagas, podridão, lágrimas, queixas, a intermina série das expressões desse outro fenómeno óptico de estupendo mistério que é a enfermidade; desejo de suavizar sua resistência com a beleza e substituir a verdade clínica, tanta vez inencontrável, pela Verdade eterna do Belo...

Mas esta mesma mistificação terá base em outro facto psicológico que seria a inegável motivação das variadas expressões estéticas dos médicos: quero aludir às naturais propensões que estruturam a sua vocação, na maioria dos casos; aquelas disposições da sua personalidade afectiva, que num dia o inclinariam ao estudo e exercício de um mister todo devotado ao seu semelhante que sofre.

Essas disposições psicológicas sentimentais condicionam, naturalmente, de par com a educação científica que recebem, uma especial delicadeza afectiva que se exterioriza nos actos de Estética a que nos referimos. Os sentimentos de interesse pelo Próximo, referentes aos médicos, pelas dores e misérias da Humanidade, pelo Bem e pela Felicidade dos outros, seriam factores propícios e condicionantes dos dons artísticos que revelam. Ou vice-versa.

O bem e a Beleza são, na verdade, inextricáveis, e inseparáveis!

Com razão dissera um dia o filósofo e crítico de Arte Rudolfo Berlinger, atribuindo à estruturação psíquica do Ser o fundamento da compreensão do fenómeno estético:

«c'est librement que le philosophe pense et que l'artiste crée, selon une nécessité qui leur vient médiatement du principe ontologique de beauté et de vérité...» (1)

(1) RUDOLPH BERLINGER. *La beauté comme principe de l'art.* «La table ronde», n.º 133, 1959 Paris.

E remata com esta conclusão:

«*c'est par la connaissance esthétique de soi que commence l'interrogation sur le principe de l'art.*»

Razão esta por que não aplaudimos inteiramente — embora lhe encontre muito de aceitável — a doutrina do psicólogo húngaro Lipot Szondi, exposta na sua bem conhecida obra *Experimentelle Triediagnostik* (1).

Nesta teoria, baseada, em grande parte, na da hereditariedade e potencial determinista dos genes dos cromosomas, que contém todos os factores da personalidade, pelo que esta é por eles estruturada e orientada. Neles estaria o destino de cada um de nós. Este determinismo genético representaria, como se diz algures, «la main cachée du destin» (2); «toutes les manifestations normales ou pathologiques de la vie mentale sont des manifestations constitutionnelles de nature pulsionnelles, chacune de nos pulsions correspondant à un gène soit dominant, soit récessif» (3).

Pulsão — esclareço, é uma «tendência instintiva parcelar, na teoria freudiana da psychanalyse, elemento dinâmico desta realidade interna — origem dos desejos humanos que é a actividade psíquica não directamente conhecível ou inconsciente» (4).

Segundo Szondi — dizemo-lo sumariíssimamente — as nossas vocações profissionais, culturais ou artísticas seriam determinadas por essas pulsões que, sendo censuráveis ou indesejáveis, inconscientemente se transformam e *sublimam* em actividades normais (profissionais ou não profissionais), embora enraizadas nas referidas pulsões.

Dissemos que não aceitávamos inteiramente esta teoria de Szondi, conhecida por *Análise do Destino*. Porém, no caso das expressões artísticas do nosso Ser, cremos que ela encerra muita verdade. Carecemos de

(1) Seg. a edição francesa *Diagnostic expérimental des pulsions*, 1952, Paris. Sobre este teste vd. de Maria Amorim de Carvalho, *Alguns ensaios com o teste de Szondi*. «*Análise do destino*». Tese da Fac. de Med. do Porto, 1958.

(2) (3) e (4), Seg. o *Manuel alphabétique de Psychiatrie*, dir. por A. Porot, 1960 (Paris), Pág. 355, 459, 537.

muitos mais estudos sobre a aplicação desta teoria, no capítulo das referidas expressões artísticas, para com segurança e clareza julgarmos a sua hipótese.

A sublimação de certas pulsões — no critério de Szondi, explicaria a projecção da personalidade médica em tão diferentes campos da Cultura e prática das Artes e das Letras (1).

Dentro destes pressupostos científicos, muito discutíveis ainda — poderíamos dissertar acerca de João de Meira e dos temas da sua actividade literária. Não se ajustam o lugar, nem a vossa bondosíssima resignação, a que o faça esta noite tempestuosa que com tanta coragem enfrentasteis. Para outra vez o guardarei.

Minhas senhoras e meus Senhores,

De entre essas figuras médicas portuenses que alinhamos em rol sumário falaremos hoje daquela que teve seu berço na formosa e nobre terra de Guimarães, João Monteiro de Meira, que a Morte levou deste mundo há meio século e que, se mais anos vivera além dos trinta e dois que Deus lhe consentiu, viria o ocupar nos campos da Cultura Nacional lugar proeminente entre alguns dos seus mais insignes conterrâneos, Martins Sarmiento ou Alfredo Pimenta, Alberto Sampaio ou o Abade de Tagilde!

Mesmo assim, a obra prometedora que deixou outorga-lhe o direito de ser lembrado como um dos mais relevados filhos de Guimarães e, na Faculdade médica, onde foi mestre e onde tive a honra de suceder-lhe, há trinta anos, uma das mais fulgurantes personagens docentes.

(1) Seg. THE. KAMMERER (*Manuel* cit., pág. 514) a sublimação é un «mecanisme, isolé par la psychanalyse, en vertu duquel l'instinct sexuel, rencontrant un obstacle dans sa réalisation directe, se manifeste dans des activités, non-sexuelles, généralement plus élevées et utiles; activités qui conservent, sous une forme de déguisement symbolique, les tendances sexuelles primitives mises en jeu: c'est ainsi que l'exhibitionniste deviendrait un acteur de talent, le curieux insatisfait un chercheur, le sadique un chirurgien ou un soldat.

La sublimation se présente donc comme la solution d'un conflit et permet généralement au sujet d'échapper au refoulement et à la nevrose». A doutrina de Szondi assenta nesses princípios, em boa parte.



Prof. Doutor João de Meira

(Retrato a óleo pelo Artista Pintor vimaranense Abel Cardozo, 1916).

Da Soc. Martins Sarmiento.

Nascera João de Meira em 31 de Julho de 1881 (1). Seu Pai, um ilustre médico que tanto enobreceu esta cidade, Joaquim José de Meira, teria influenciado na escolha da carreira que esse fogoso e ilustre moço não chegou a utilizar, confinado exclusivamente ao Professorado e à investigação científica.

Maximiano Lemos, Joaquim Pires de Lima, Joaquim Costa, Hernâni Monteiro e outros traçaram-lhe a biografia, completa, explícita e surpreendente. Compulsemos e analisemos as suas páginas para deduzirmos as considerações com que hoje ousou vir ocupar-me, junto de vós, nesta grata noite consagratória em que começo por evocar o seu alto e generoso espírito.

Ele me perdoará a obscuridade da palavra e a pequenez da arte com que não soube interpretar a sua curta, mas bela vida de homem sábio e justo!

Não foi longa, dissemos, nem espectacular, a carreira docente de João de Meira. Findo o curso de 1907, com a sua tese sobre o Concelho de Guimarães que, no dizer de Pires de Lima, «é a sua melhor obra e uma das teses mais valiosas que tem sido defendidas na Escola do Porto» (2), já em 1908 concorre a Professor substituto com novo e valioso trabalho, *O Parto Cesáreo* (3).

E começa, então, o seu serviço docente, até 1913, em cujo Outono morre em Guimarães, sem ter tomado conta da Cadeira de História da Medicina para que fora nomeado.

São, pois, cinco curtos anos os do mestrado de Meira na escola que o formara e onde agora tenho a honra de lhe haver sucedido, na mesma cátedra.

(1) Socorri-me, de entre outros, dos seguintes trabalhos biográficos dos citados autores, JOAQUIM PIRES DE LIMA, JOAQUIM COSTA, MAXIMIANO LEMOS, LEITE DE CASTRO e COSTA FREITAS, insertos na *Revista de Guimarães*, n.º 3. Julho de 1921.

Veja-se, também, um dos mais recentes, da pena do Prof. HERNANI MONTEIRO, *Prof. João de Meira*, publicado no *Suplemento à História do Ensino Médico no Porto*, de MAXIMIANO LEMOS (1925, Porto).

(2) PIRES DE LIMA, *João de Meira (notas bibliográficas)*, «Revista de Guimarães», ob. cit.. O título da tese de Meira é *O Concelho de Guimarães (Estudo de Demografia e Nosografia)*.

(3) *O Parto Cesáreo. Sua história, sua technica, seus accidentes e complicações, suas indicações e prognóstico*. Porto, 1908.

Cinco curtos anos que lhe não permitiriam, certamente, criar escola própria e muito menos no serviço que hoje dirijo. Começara o professorado com vinte e sete anos; todavia, ao que sabemos do que publicou ou deixou acabado, escreveu João de Meira mais de vinte estudos, sem contar os que poderíamos cognominar *menores*. Dividiríamos esta sua história bibliográfica em três períodos:

- a) — *Até à sua formatura (1907), nove anos desde 1899, este em que publica na Parvónia, jornal de letras e crítica de Guimarães, alguns artigos de género variado.*
- b) — *De 1907 a 1908, um rápido ano, apenas, quer dizer, da formatura ao Concurso para mestre substituto.*
- c) — *De 1908 a 1913, o fugaz lustro da sua docência.*

Vejamos ou vinquemos, de corrida, o aspecto de cada um destes períodos.

No primeiro, de 1898 a 1908, versos característicos do tempo, saborosos sonetos bem formados, semelhantes a tantos que outros moços escreveram, a começar pelo severo e erudito seu antecessor e mestre — e também ascendente na cátedra, Dr. Maximiano de Lemos, de quem não há muitos anos evoquei na sua terra natal alguns de seus belos versos (1)

São poesias, críticas e comentários ardentes, humoristas, explosivos, tremendos na forma e no sentido, «próprios da sua pouca idade e do estilo de agitação revolucionária em que então se encontrava o espírito dos estudantes portugueses» (2)

Um ano corrido, outros versos e peças literárias, já com ressaibos de boa prosa, a lembrar Camilo, disse Pires de Lima ao biografá-lo (3).

Como se vê, impulsos literários indomáveis e indomados, que jámais o deixam, mesmo já mestre de Me-

(1) Conferência no Salão nobre do Hospital D. Luís I, na Régua, em 3 de Dezembro de 1960, sobre o tema *Maximiano Lemos na sua época literária e histórica*.

(2) PIRES DE LIMA, *ob. cit.* 159,

(3) Id. Id.

dicina e conspícuo médico-legista, Professor das coisas de Medicina nas suas relações com a Lei e Director da Morgue.

Chispam os impulsos literários dessa brotoeja estudantil. Em jornais humorísticos do Porto, *Pontas de fogo* e *A Pasta*, Meira verseja e critica os mais variados temas. Censor duro, insaciado, mordentíssimo, Catão inviolável sempre. Carácter especial esse da sua obra, que virá a sublimar-se em outros trabalhos e por outras medidas e estrutura. Assim nos de índole histórica, em que a sua argúcia emparelha com maior severidade crítica.

Entretanto, com vigorosos vinte anos, Meira escreve nas folhas periódicas da sua terra, como o «Independente», artigos que «foram muito apreciados», tal o em que versou certa doença chamada *pelagra*.

Por 1905 estreia outra série de escritos, que poderíamos chamar «reverentes», comparativamente aos que os antecedem: tais um sobre *Cartas de Camilo a Martins Sarmento* e outro sobre a *Colegiada de Guimarães e seu claustro*.

Neste último, vinca-se sedutoramente a sua arte de verdadeiro historiador, no método heurístico, no rigor documentário, na lógica das conclusões.

O fervor sarcástico ou humorístico dera lugar a esse espírito pesquisativo, já menos inquieto e mais reflectido. Mas curioso é notar-se que jamais a sua predilecção pelos temas irreais ou de fantasia haveria de abandoná-lo ou perder-se.

É difícil, mesmo, conceber como no mesmo indivíduo se emparceirava tão fecunda e feraz *imaginação* e tão veemente severidade, com rigor extremo na investigação e exposição da Verdade em História. O *irreal* e o *real* conexos: aquele, expresso em obras de fantasia, como havemos de lembrar; este, em outras de profunda reflexão e louvável sentido e desígnio, a desvelar erros, incoerentes ou insuficiências, em puro revisionismo histórico.

E mais curioso ainda especificar que no espírito ardente de João de Meira fervilhava um opulento material poético de interesse singular pelo que era surpreendente, misterioso, espectacular. Até mesmo quando, no terceiro período da sua vida universitária, passa à letra redonda os seus estudos de Medicina legal, como demonstraremos.

Voltemos a 1907, ano em que Meira surge com o seu primeiro grande trabalho sobre Demografia e Nosografia no Concelho de Guimarães. Mereceu ele, como tese de formatura, a maior classificação do juri. No ponto de vista histórico, médico e social é um valiosíssimo documento essa brilhante tese, exaustivo estudo das condições sanitárias e higiênicas de Guimarães e seu termo, estudo que viria a escancarar-lhe as portas do magistério na Escola Médico-Cirúrgica.

E mais um ano se escoou na sua vida. Nada de especial nesses meses, absorvido na preparação da sua nova tese, esta de concurso para Professor, a versar o Parto Cirúrgico, em que lavra notoriamente o campo histórico.

Como se viu, a marca do historiador vai-se avolumando, a distinguir-se em forma e luz. Mas viria a acontecer o que parecera inevitável: a bossa literária e o tom humorístico voltarão e exprimir-se sonoramente, quer em estudos como o que escreveu sobre as *Influências estrangeiras em Eça de Queiroz*, quer no *Ensébio Macário em Guimarães*. (1)

Será fuga de rapaz gracioso em cidadão responsável essa que nos dá na série de trechos em que imita capazmente alguns de nossos escritores, de Gil Vicente e Sá de Miranda, a Eça ou Herculano. Já então era mestre na sua Escola. E leu-os a primeira vez entre colegas, num jantar consagratório de Maximiano de Lemos, com este a presidir ao cordialíssimo ágape.

Causaram sucesso estas imitações ou *pastiches*, de que vos lerei logo alguns exemplos. Mas onde essa alterosa sede de versar temas de mistério ou de surpresa, em que a doida imaginação se espaneja livremente e interessantemente; onde ele a versa a flux é nos quase desconhecidos contos a que deu por título *Sherlock Holmes no Porto*: um, sobre um *Cadáver evadido da morgue*; outro sobre o *truc* de *Mister Raymond* (2).

(1) É muito valioso para a biografia de JOÃO DE MEIRA o n.º 202 (4.ª ano) do jornal *Échos de Guimarães*, de 10 de Março de 1918. Vd. os recentes artigos de ALBERTO BRAGA, sobre o ilustre vimaranense, em *O Comércio de Guimarães* (20-9-63) e *Notícias de Guimarães* (22-9-963).

(2) Vd. o artigo que publiquei nesta *Revista de Guimarães* (LXXI, 1-2. 1961), sob o título *Sherlock Holmes no Porto (contribuição portuguesa para a história do romance policial científico)*.

São verdadeiros contos policiais do ano de 1912, a que já prestei especial atenção não há muito, na *Revista de Guimarães*, para colocar João de Meira entre os mais genuínos pioneiros daquele género literário. Reporto-me dentro de pouco a esse ponto.

Por agora, firmo-me em dizer que Meira era já, ao tempo, pessoa muito respeitável, com os seus «novos» vinte e nove anos: nada menos que Professor de Medicina legal e Director da *Morgue* do Porto!

Não resta dúvida que a figura do extraordinário detective imaginado pelo médico inglês Conan Doyle, o famoso *Sherlock Holmes* — teria seduzido intensamente a imaginação de João de Meira, tão pendente a factos ou pensamentos do género.

Com esta crepitante obrzinha cerra João de Meira o ciclo das suas congeminações ou especulações literárias no campo da criação fantástica ou do abstracionismo.

Do incomensurável mundo da ficção desce ao terreiro prosaico da Realidade, escrevendo artigos medico-legais sobre homicídios, suicídios, estatística da *Morgue* e outros.

Mas aí mesmo o não larga seu pendor para o maravilhoso e o misterioso, que pode tratar com ciência e consciência agora, dando aos seus estudos um cunho original de mistura literária e científica. E assim aparecem os trabalhos que intitidou (1)

D. Pedro V morreu envenenado? e A morte de D. Estefânia

Nesses dois estudos a argúcia médica e jurídico-policial é deveras interessante. Estava a pouco mais dum ano do túmulo...

Todavia em outros trabalhos, inclusive nos essencialmente históricos, sempre seduziram Meira os temas em que se tratava de desvendar um mistério, limpar uma dúvida, procurar um rasto, descobrir uma culpa ou fixar uma razão.

(1) In *Arquivos de História da Medicina portuense*, 1910 e 1911 (Porto).

Assim estes a que pôs os nomes de:

— *João Cardoso de Miranda e a sua Relação Médico-cirúrgica* (1), e *Pedro Amarelo foi médico do Conde D. Henrique e de D. Afonso Henriques?* (2)

Do mesmo feitio se revela nas conclusões da Conferência que iria ler na festa de 9 de Março de 1913, já doente e perdido sem remédio, como esclarece seu Pai em carta a um Amigo.

Essa conferência, «a primeira história científica e crítica de Guimarães», como alguém a considerou (3), revela opulentamente o espírito de historiador probo e severo a que já me referi, tão distante do engenho que concebeu os contos de *Sherlock Holmes no Porto*, um ano antes!

Esse estudo curto, mas succulento, que abrange a história vimaranense do ano de 950 ao de 1580, exprime sobejamente o critério do historiador e do médico-legista, qualidade que se lhe afeiçoava a primor.

Logo ao abrir este trabalho, escreve Meira:

«Não conhecermos a nossa própria história, diz um escritor moderno, é de bárbaro; conhecê-la, porém, viciada, tecida de burlas e de piedosas fraudes, é pior. Porque, no primeiro caso, como não sabemos quem somos, nem nos dizem de onde viemos, essa mesma ignorância obstará a que perpetrarmos muitos desconcertos; ao passo que, se laboramos no vício de uma falsa informação, daremos muitas vezes, com a memória das fábulas que nos tiverem ensinado, razão sobeja e justificada a que se riam de nós».

Por isso continuava a explicar João de Meira, em 1913:

«Há 30 anos que em Guimarães se luta para que nem sejamos chamados bárbaros, por ignorarmos a nossa história, nem sejamos objecto de mofa, por apresentá-la entretecida de lendas inaceitáveis».

(1) In *Arquivos de História da Medicina portuense*, 1912, (Porto).

(2) Id., 1911

(3) LEITE DE CASTRO. In «Rev. de Guimarães», n.º 3 de Julho de 1921. Pág. 115.

Depois de referir-se aos estudos históricos em Guimarães, Meira declara-se com razão imensa — referindo-se à vossa ilustre e tão pouco acarinhada ou compreendida «Sociedade Martins Sarmento», orgulho da Cultura nacional, notável centro de estudos que dão à cidade de Mumadona tanta fama e honra como a sua indústria têxtil; dizia Meira, então, que só depois dessa Sociedade — Museu e Escola de Arqueologia se ter formado, é que a História de Guimarães começou a fazer-se cientificamente..., evocando o nome insigne que ela ostenta e tanto e tanto a nobilita, Martins Sarmento.

Depois de referir-se ao facto de, há precisamente um século, se quererem retirar de Guimarães arquivos que a ela muito interessavam e transferi-los para a capital, escrevia Meira:

«Urge que nos defendamos. E na impossibilidade de reconquistar Lisboa, a única defesa eficaz e profícua das nossas riquezas paleográficas é a convicção levada a todo o país, de que as estimamos no justo valor e as utilizamos na medida do possível»

Estas palavras de Meira sintetizam assazmente o seu espírito. Escrevendo-as com a Morte já ao pé de si, Director e Professor de um serviço de Medicina Legal, Professor nomeado de História da Medicina, o ilustre vimaranense, continuava a ser um bairrista indefectível, um humorista insaciável e um mestre inabalável de bom método histórico.

Bairrismo esse que jamais o cegou, a ponto de dar à sua terra, por letra falsa de outros, glórias ou honras que lhe não cabiam. E também não deixava de apontar-lhe defeitos, erros ou aleijões, que todas as terras mostram, o que tudo via e julgava como homem justo e clínico honrado. Pois não é preciso que o doente revele ao médico os lugares de seu corpo que sofre que lhe segrede as razões de suas dores, por vezes tão íntimas e até vergonhosas, as suas chagas ocultas, para que ele melhor cientificamente o possa curar?

Assim observa Meira os males da sua terra, para ajudar a sará-los. Por isso escrevia, na sua tese final de curso, ao falar da graça e beleza da paisagem vimaranense, em contraste com a desgraça com que a trai-

çoira *pelagra* lhe manchava essa beleza e essa graça. Oçam o João de Meira (1):

«O verde Minho, o nosso Minho é aquela mulher de quem conta Bernardes, na *Floresta* (creio que é o bom Bernardes na sua ingénua *Floresta*), que foi tentar um eremita em seu retiro. Esbelta mulher era ela, com o rosto coberto por um véu; mas tão esbelta e tão donairoza que só de contemplar-lhe a flexuosa elegância, só de aspirar a rescendência do seu perfume, o santo se tentou.

E quando o bom santo, já perdido, já pecador, lhe estendia os braços frementes, a esbelta mulher, com um gesto de serena elegância, ergue tranquilamente o espesso véu e deixa ver dois olhos como duas gemas de ovo rolando numa chaga asquerosa que lhe tomava todo o rosto.

Ante esta dolorosa aparição, logo o bom eremita fugiu horripilado, arrependido, já de novo santo, e para sempre curado da sua paixão.»

E explica Meira de seguida:

«naqueles dias em que arrolamos os pelagrosos às dezenas, o verde Minho, o nosso Minho encantador ergueu ante nós, como a mulher de Bernardes, o véu que lhe escondia a úlcera repelente.»

E assim termina o prólogo da sua tese, com estas amorosas palavras sobre a terra que lhe fora berço e seria túmulo:

«Mas eu, longe de fugir como o assustado eremita, se até aí a amava, fiquei-lhe depois querendo com um amor mais doce, mas extremoso, com aquele doce e extremoso amor que se sente por uma velha mãe cheia de achaques». Por isso, por não desejar esconder desaires ou sonhos da sua terra, do mesmo modo que não admitia que lhe extorquissem glórias e bens legítimos, João de Meira remata aquele seu magnífico estudo sobre Guimarães negando que ali fosse o berço de S. Dâmaso; que a cidade tivesse sido a velha Araduca de Ptolomeu; que a Igreja de S. Tiago fora templo de Ceres, nem que o santo deste nome o cristianisara; que a batalha de S. Mamede se travou em S. Torcato, mas ali,

(1) In *Dedicatória* da sua tese de 1907.

junto ao castelo; que é incerta a naturalidade de D. Afonso Henriques; e que este não poderia ter sido baptizado por S. Geraldo, Arcebispo de Braga.

Conclusões desalentadoras, a serem certas, para os Vimaraneses, que assim se veriam esbulhados de algumas das principais razões do seu clássico orgulho.

É certo que algumas das dúvidas que levantou sólidamente estão de pé.

Mas, a serem verdadeiras estas conclusões, em que perderia Guimarães glória, em que se poderia condenar o probo investigador que as revelou, por as dar a público?

A Guimarães não faltariam muitos outros títulos de nobreza, a compensarem os que perderia se Meira tivesse acertado no que rastreava da sua História.

O que não pode negar-se a tão audaz, como seu honesto cabouqueiro, é o valor das palavras que acerca desse estudo lhe mandou o grande Ramalho Ortigão, (com quem Meira aparentava singulares afinidades psicomorais), de passo que lhe dava os parabéns:

«pelos seus processos de estudo, que são perfeitos, e pelo seu método de escrever, tão rigorosamente científico e de exposição tão lúcida, tão saborosamente vernácula e tão documentadamente esclarecida». (1)

Ramalho, o imponente e severo portuense Ramalho esmaltava nessas palavras o que de fundamental se pode dizer do espírito desse ilustre vimaranense que hoje aqui nos reúne!

Creio que acabámos de patentear-vos, numa síntese rápida e o mais possível desapaixonada, a feição do espírito de João de Meira, um dos indiscutíveis bandeirantes ou pioneiros do chamado revisionismo histórico contemporâneo em Portugal!

*

Deixamos vincados os mais impressivos aspectos do seu labor no campo da História Geral e local. No da Medicina, em íntima conexão com a História de Portugal, deixou-nos Meira os estudos que versam

(1) Vd. *Revista de Guimarães*, xxxi, Julho, n.º 3 de 1921. Pág. 202.

A lepra do Marquês de Pombal (1), *A Morte de D. Estefânia* (2) e os *Gafos do nobiliário* (3), sendo outros de pura História da Medicina, como a nota sobre as edições do «Cirurgião seiscentista António da Cruz» (4); «A peste de 1384» (5); a obra citada do cirurgião Cardoso de Miranda (6) ou as *Gafarias* de Guimarães (7), sem esquecer o comentário sobre Zacuto Lusitano (8).

De temas médicos ou médicos-legais pouco nos deixou, infelizmente.

Mas exprimem especial categoria do seu autor trabalhos do género, como *Um caso de assassinato e suicídio* (9), a *Cólera no Porto* (10), *Estatística da Morgue do Porto* (11), *Ferida do tórax* (12), e o *Ensino da Medicina Legal* (13). A sua curtíssima vida no magistério e na pericia médico-legal não lhe proporcionou, malogradamente, mais vasta obra, que viria a ser notável!

Ao abrir o ano lectivo de 1913-1914 coube a João de Meira fazer a *Oração de Sapiência* (14), curta mas notável peça de política universitária e ciência pedagógica, que gostaríamos de ler na íntegra. Não podendo fazê-lo, relembro, apenas — excepcionalmente para os médicos que porventura me estão a ouvir — o que ele então disse acerca da feição do ensino médico ante exigências da técnica e do experimentalismo, focando os valores recíprocos da Teoria e da Prática na apreendizagem, no Saber, na Cultura. Não passam, nem podem viver uma sem a outra. Ele assim o diz, nessa lição de há meio século.

(1) In *Arq. de História da Med. Portug.*, ob. cit. 1911.

(2) Id. Id.

(3) Id. Id. 1912.

(4) Id. Id. 1911.

(5) Id. Id. 1911 e 1912.

(6) Id. Id. 1912.

(7) *Gazeta dos Hosp. do Porto*, 1908-1909.

(8) Id. Id. 1909.

(9) *Arq. de Hist. da Med. Portug.*, 1912.

(10) *Gazeta dos Hosp. do Porto*, 1911.

(11) Id. 1910.

(12) Id. 1911.

(13) *Annário da Escola Médico-Cirúrgica do Porto*, referente a 1909-1910. Porto.

(14) Id. refer. a esse ano.

Assim proclamava João de Meira, vai para 51 anos, contava ele de idade apenas 30:

«A Medicina progrediu sempre, graças às teorias que foi construindo. Animismo, vitalismo, irritabilidade, não foram doutrinas improficuas. É certo que nenhuma delas, como tantas outras que têm surgido, correspondia à verdade. Mas nem assim se perderam de todo, e só os que andam alheios aos métodos científicos, se admiram de ver a curta duração das teorias e o sucessivo abandono a que são votadas.

Em medicina, mais do que em outra ciência, se caminha à custa de hipóteses. As doutrinas médicas são as etapas da medicina. Guiaram-lhe a marcha, asseguraram-lhe o progresso. Os destroços, acumulados de tantas teorias abandonadas, são os alicerces em que a medicina sólidamente se firma. As teorias passam, mas ficam as verdades úteis que nelas se continham. Apesar do seu número, apesar do seu curto reinado, muitas das doutrinas, que através dos séculos se sucederam, fizeram progredir a ciência.

«É por isso que eu não vejo sem receio o desaparecimento das cadeiras teóricas e a extensão crescente do ensino prático, apregoada como a orientação verdadeiramente científica no aprender da medicina.

Se vai reduzir-se a Anatomia ao exclusivo estudo do cadáver, a Bacteriologia à morfologia, coloração e cultura dos micróbios, a clínica ao exame dos doentes, as consequências podem ser desastrosas.

Aprendizado essencialmente prático e prolongado, tem-nos os criados do teatro anatómico; aprendizado essencialmente prático e prolongado, tem-no os serventes do laboratório; aprendizado essencialmente prático e prolongado, tem-no os enfermeiros do hospital. E no entanto, um criado das salas de dissecação, não sabe Anatomia; um servente do laboratório, não sabe histologia; um enfermeiro do hospital, não sabe Patologia.

É que na ciência há mais alguma coisa do que a simples prática material e sem discernimento. Há, repito, as teorias com que pretendemos explicar os fenómenos, que caem debaixo da alçada da medicina».

Era a voz da razão dominada pelo poder da prudência. O que Meira hoje diria, corrido meio século?!

Quando João de Meira roçava a linha dos 20 anos, estudou Antero de Quental e sua obra, esse Antero com que um tanto se identificava na sua excitação de rapaz irreverente e quiçá nervosamente inquieto.

Imitando, na frase, ao que parece, Almeida Garrett no *Frei Luís de Sousa*, assim diz Meira do poeta filósofo:

«Maior poeta português abaixo de Camões, corpo de maior alma que teve a nossa terra» (1).

Em certo ponto confessa o moço vimaranense, deixando abrir-se o que em si próprio se debatia e o torturava, a imaginação fogosa e interminável que tanto o compeliu a escrever páginas que ela fundamentalmente inspira: «as agonias mais dolorosas vem da imaginação»! (2) E quase ao rematar a crítica, os 20 fresquíssimos anos de Meira exclamam:

«A glória de Antero contém-se toda, como a sua alma, dentro dessas cento e nove composições... «*que eu sei de cor e a todos os momentos redigo para me livrar das angústias do Tédio, do Pesar, do Desengano e da Ilusão*» (3)

Deus deixou viver o João mais onze anos. O moço parece que adivinhava a curta vida que iria viver, e que, se mais longa fora, não lhe poderia ter desfeito aquele tédio, aquele desengano, aquela ilusão, aquele pesar.

Metáforas, hipérboles apenas, essas suas afirmações dos 20 anos, que tantos de nós também proclamámos em versos e em prosa e por outros modos de expressão?

É possível! Mas alguma coisa da vida afectiva profunda de Meira justificava aqueles desabaços. A sua obra literária não nos nega razões para afirmá-lo!

Em um ponto ou outro dos seus artigos e trabalhos João de Meira exprime, em termos desabridos, numa incontínente acidez de sarcasmo, o seu desagrado por ideias de certos críticos. Assim aludia certa vez a Teófilo Braga, que sobre Camilo escrevera determinadas páginas:

«Ou uma desgraçada sina traz o Sr. Teófilo a dizer asneiras numa idade em que elas ficam já demasiado mal,

(1) «Corpo da maior alma que deitou Portugal», disse no *Frei Luís de Sousa* o imortal GARRETT desse outro imortal que foi CAMÕES (Acto II, Cena I).

(2) Reprod. in *Rev. de Guimarães*, fl. 200, n.º 3, 1921, cit.

(3) Id. Id.

ou eu não sei como explicar esta casualidade de ter saído duas vezes da minha mais que humilde obscuridade e encontrar em ambas elas, atravancadas no meu caminho, as tolices do sábio». (1)

É surpreendente, contudo, como esta rudeza e friquidez crítica de Meira se antepõe a outros momentos da sua exteriorização anímica, em que a emotividade sobrepuja quaisquer outros aspectos da sua complicada vida afectiva.

É nessa mesma página que o rude censor de um velho como era Teófilo escreve, evocando Camilo:

«Tendo posto um ponto por baixo das linhas que precedem», as acabo de vos ler, «fui-me ao Cemitério da Lapa a visitar a tua campa.

Lá estava, ao fundo da triste rua areada, a pedra de mármore com a coroa de Visconde e o nome do escritor.

Deus me é testemunha de que chorei ao ver-te como sempre tão só, tão desamparado no jazigo de Urbino...».

Devo informar que era um rapaz de vinte anos João de Meira quando escreveu estas linhas!

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Que dizer-vos, agora, de João de Meira poeta e prosador, das suas excepcionais qualidades de imitação de géneros literários, de Camilo a Eça ou Gil Vicente? Excepcionais qualidades de imitação que compeliram um crítico literário português a inepta e injustamente designar o vosso compatriota como *falsário*, por não ter compreendido o sentido dessa manifestação de arte do ilustre vimaranense! (2)

Vamos apontar-vos alguns exemplos desse surpreendente aspecto da expressão artística de João de Meira.

(1) *Homenagem a Camilo Castelo Branco*, reprod. in *Rev. de Guim.*, n.º 3, 1921. Pág. 189.

(2) Vd. o nosso estudo *Sherlock Holmes*, etc., na «*Rev. de Guim.*», 1921, n.º 3, cit. Nota 50.

Eis um *cantar de amigo*, à moda provençal, de homenagem ao seu Mestre Maximiano de Lemos e à sua obra sobre Amato, Zacuto e Sanches:

*Ay flores, ay flores do verde mato,
Se sabedes novas do autor do Amato,
ay Deus, e ué?*

*Ay pozes, ay pozes de bismuto,
Se sabedes novas de quem fez Zacuto,
Ay Deus, e ué?*

*Ay neve, ay neve, neve em avalanches,
Se sabedes novas do autor do Sanches,
Ay Deus, e ué?*

*Ay flores, ay flores, de todo o ano,
Se sabedes novas do Maximiano,
Ay Deus, e ué?*

*Vós perguntades por Maximiano
e eu bem digo que ele é vivo e sano,
Ay Deus, e ué?*

E quereis ouvir outro trecho imitativo de Eça de Queiroz, com seus ressaibos da *Reliquia* e também de homenagem a Maximiano de Lemos, onde se movimentam personagens do celebrado romance?

Aí o tendes:

— «Então o douto Topsius disse-me formalizado e solene: — Dom Rapozo, afiança-lhe um homem que a Alemanha escuta em questões de crítica e de história, há no seu país uma figura que basta à reputação de uma nação.

Eu murmurei vagamente: — Sim, em Portugal há grandes vultos, há o Herculano, há o Rebelo da Silva, o Zé Ricardo, o Morgado de Covas...

Não, D. Rapozo, não, atalhou o erudito homem; Herculano foi um rígido, alimentando-se do facto nu, estreme, sem poesia, sem centelha...

Eu pressuroso ia atalhar: — E o Eurico? e o Eurico?... Mas já Topsius epilógava, esguio e lento, com os doutos óculos refulgindo na ponta do bico:

— Herculano era um seco, Rebelo da Silva um retórico, Oliveira Martins um diletante. Não, D. Rapozo,

em verdade lhe digo, o homem a quem me refiro é o Maximiano...

— O nosso, o do Porto? gritei arrebatado. E depois mais sereno, passando a língua pelos lábios, saboreando com gula essa delícia.

— É para ver, Topsisus, é para você ver! Grandes escritores não nos faltam. Sabe você o que há pouco em Portugal? É quem saiba ler, sábio amigo, é quem saiba ler!» (1)

Como ouviram, a *pastiche* é surpreendente. E não lhe falta a causticidade crítica de que o seu espírito censor e irreverente jámais se libertou...

Quereis ainda ouvir outros versos de Meira, a imitar Luís de Camões?

SAUDADE

*Qual o doce ribeiro, que de leve
atravessa mil prados e campinas
e as águas parte, que depois recebe,
em duas puras fontes cristalinas,
juntas as nossas vidas tempo breve
se apartaram depois por várias signas,
e agora vão seguindo de ano em ano
pobres vidas, de engano em desengano.
Mas se a água dos rios não percebe
saudade de outras águas diamantinas,
Não são gémeas das águas, nem se deve
às águas comparar vidas tão dinas;
que por longe que o triste fado as leve
saudades vem juntar as peregrinas
sem esperar que ao fim de tanto engano
as junte a morte, que é profundo engano!* (2)

E como poeta ainda, quanto seria curioso ler-vos aqui alguns dos melhores *pregões* das vossas festas nicolinas, que ele escreveu em 1903, 1904 e 1905, e que acabei de reler nos exemplares que gentilmente me ofereceu

(1) In *Reincidência*, Porto, 1911.

(2) Id. *Reprod.* já em *Echos de Guimarães*, cit.

o ilustre vimaranense e arqueólogo Coronel Mário Cardozo (1).

Vou reler-vos apenas uma parte do pregão de 1905, versos de quem foi um dos mais fervorosos *nicolinos*, a quem devemos curiosos estudos históricos sobre o padroeiro destas festas escolares de Guimarães (2).

O poeta de vinte e três anos, estudante da Escola Médica do Porto, começa-o por versos em que parece prever, numa como que doentia preocupação, a morte que em breves oito anos o levaria deste mundo:

ADEUS

*Rapazes, ando a dar a última enxada
Na cova onde sepulto a minha mocidade.
Dentro em pouco está morta, a triste desgraçada,
E não deixa em minh'alma um raio de saudade.*

*A' falta d'homens, já três vezes fui chamado
Para escrever, sem arte, os versos do Pregão;
E três vezes o fiz, sem metro, mal rimado,
E o que inda é bem pior, semsaborão!*

*E entre os nomes de luz de tanto ilustre poeta
Que escreveram p'ra vós, composições tão belas,
É o meu pobre nome uma mascarra preta
Que tombasse no Ceu entre milhares d'estrellas.*

*Despeço-me de vós, Rapazes, e ao fazel-o
Só peço que me deis um pouco d'alegria,
Pois tenho dentro d'alma um triste pesadelo
E soam-me aos ouvidos gritos d'agonia!*

Em certo passo refere-se à activa e respeitável classe dos empregados comerciais:

*Caixeiros é forçoso o ir perdendo o pelo,
Deixar de encavacar com graças do Pregão!
Porque afinal de contas (não é mau dizêl-o)*

(1) Estão já arquivados no Museu de História da Medicina da Universidade do Porto, na própria sala que tem o nome de João de Meira.

(2) Vd. MAXIMIADO LEMOS. *Prof. João de Meira*. «Rev. de Guimarães», n.º 3, 1921. Pág. 170.

*Se vos zangais connosco é sempre sem razão!
 Caixeiros, quanta vez, livres do pesadelo
 Que é sempre para vós a estada do patrão,
 Tricanas namoramos, sem sentir um zelo,
 Vós de dentro e nós de fóra do balcão!
 E se em casos d'amor que são os que ligeiros
 Erguem entre os mortaes as luctas desgraçadas,
 Nós nunca nos zangamos, rispídos caixeiros,
 Por que zangar agora á conta de piadas?
 Vá lá. Vamos fazer as pazes com um X
 E nunca mais aqui se fala em chafariz!*

E, agora, dirige-se às damas de Guimarães nestes belos versos:

*Mas, Senhoras, se até o Sol que foi um Deus,
 Quando sulca de luz a etérea vastidão,
 Beija os Astros que vão girando pelos Ceus,
 Beija também a flôr e beija a Podridão.
 Que muito, pois, que a Vós, lindas flôres vermelhas,
 Sobre nós demoreis os olhos tão leais,
 Que sob a pura e ideal curva das sobranceiras,
 São como grandes sóis sob Arcos-triumfais!*

Oiçamos ainda João de Meira nos seus pregões de 1903 e 1904. Como sempre, alusões a fastos de Guimarães, crítica humorística sempre oportuna, como esta, à nova iluminação da cidade:

*Um-Ah!-atroador, um-Ah!-de grande espanto
 Subiu de cada rua, ouviu-se em cada canto.
 Guimarães tinha luz levada do diabo,
 Que arde sem pavio e acende por um cabo,
 Luz que não deita fumo, luz que não faz morrão,
 Luz que lhe dá um ar de civilização;
 Luz da melhor que, enfim, ó suprema ironia,
 Falta ás vezes de noite e acende-se ao meio-dia!*

Agora, fala outra vez aos caixeiros, sempre em dares-e-tomares com os estudantes. Meira parece propor a paz novamente, que não sei se se manteve:

*«...agora, como d'antes,
 Não anda sobre vós pairando a ameaça*

*De irdes ao chafariz banbar na larga taça.
 Não, ó caixeiros, não! Os tempos vão mudados,
 Vós não vos metereis onde não sois chamados,
 Como usáveis fazer em tempos muito antigos,
 E nós seremos hoje, uns íntimos amigos,
 Seremos como irmãos seguindo a mesma estrada,
 Olhos no mesmo Ceu, em busca da Alvorada.*

No pregão de 1904, alude às feras do Liceu, nada menos que os seus Mestres, tantos deles bondosos, todos dignos:

*«Por isso, ó Nicolau, se é teu o dia,
 Põe-nos sob a tua alta protecção,
 Livra-nos do Ribeiro, do Faria,
 Moreira, Vasconcelos e Aarão;
 Pina, Queiroz, Fiusa, Zé Maria,
 Hermano e o novíssimo Pavão!...
 Que nós sozinhos, cá por nossa banda,
 Arranjamos o Sanches e o Miranda...»*

Quem está aí que se lembre de todos?

É agora, por fim, alusões de Meira às tricanas vimaranenses, às costureiras, mestras e officialas ou aprendizes:

*Costureiras da Lucas, das Narcisas,
 Da Raquel Penaforte e outras mais;
 Raparigas já grandes e petizas
 Que os pentes do Lerdeira trabalhais,
 É que teceis o linbo das camisas,
 Dos lençóis, das toalhas, dos bragaís;
 Vós criadas — cozinheiras ou de sala
 Que se adrega de calhar ides na mala.
 Ir na mala, tricanas, não é bom,
 É caso sério, embora haja quem ria...
 Antes, porém, a mala que o caixão,
 Que o caixão só nos leva p'ra Atouguia;
 Mas se quereis melhor, em reinação,
 Vamos todos a Fafe um belo dia;
 'Stá pronta a linba! É rápido. Talvez
 Ir e voltar não leve mais de um mez».*

*

Deixemos seus pregões e vamos a um outro aspecto da arte literária de João de Meira, a que já aludi, o ficcionismo, de que dá interessantíssima amostra nos dois contos referidos sob o título genérico de *Sherlock Holmes no Porto*, escritos um ano antes de falecer, era já então Director do Instituto de Medicina Legal!

No desenvolvimento desses contos Meira emprega o mesmo espírito dedutivo e a lógica que outro médico, o britânico *Conan Doyle* (1) — criador daquele subtil e indefectível «detective», assazmente conhecido — usou na elaboração das suas impressionantes novelas. Ou não fosse então, o singular literato, Professor de Medicina Legal e Director da Morgue do Porto!

João de Meira, que assinou esses contos com o pseudónimo anagramático de *Donan Coyle*, é, pois, um dos mais notáveis precursores nesse género de literatura de ficção, embora absolutamente esquecido dos seus historiógrafos.

Tanto mais de reparar quanto em nenhum dos prólogos ou histórias do romance policial se fala no singular vimaranense. Já na «Revista de Guimarães» um dia, bordejamos este assunto (2).

Como amostra, peço-vos que oiçais este curioso contozinho em que imita o fantástico polícia inglês e em que humoristicamente conclui pela falência do referido método, tão superiorizado por Conan Doyle.

É assim, esse pequeno conto (3):

«Sherlock Holmes no Porto

— Watson, disse-me Sherlock Holmes mal nos sentamos no eléctrico de Paranhos, vê aquele sujeito gordo, que vai naquele canto? É a primeira vez que o avisto

(1) Vd., em especial, *La vie de Sir Arthur Conan Doyle, traduit de l'anglais par André Algarron*. Paris, 1958.

(2) Vd. o que disse no citado estudo *Sherlock Holmes no Porto*, inserto nesta revista.

(3) Id. Id.

mas já lhe posso dizer que é médico militar, professor da Escola Médica, casado, não tem filhos e mora em Vila Nova de Gaia.

Perguntei a Sherlock Holmes em que fundava essas extraordinárias revelações. Ele explicou, sem se fazer rogado, sorrindo e enchendo de tabaco da Virgínia o seu magnífico cachimbo de espuma e âmbar:

— É muito simples, é quanto há de mais fácil. Não viu aquele sargento que passou para a plataforma fazer-lhe a continência e aquele quintanista de medicina cumprimentá-lo, ao entrar, com todas as atenções? Daí concluo que é militar e professor na Escola Médica, e como não é natural que seja a um tempo tenente-coronel ou major e lente de medicina, convenço-me de que é médico militar.

E Sherlock Holmes, gozando a minha admiração, tirava grandes fumaças do seu cachimbo de espuma e âmbar. Depois continuou:

— Mora em Vila Nova de Gaia porque quando abriu a carteira para pagar a passagem, lhe vi um passe que não é válido nestas linhas, senão dispensava-se de pagar aqui. Logo esse passe é da linha de Gaia. É casado porque traz no dedo a aliança de ouro; e não tem filhos porque entregou um tostão ao condutor para pagar bilhete de pataco e recusou o troco.

— São de verdade admiráveis as suas deduções, exclamei.

— Então que diria você, Watson, acrescentou Sherlock Holmes, se lhe contasse que o homem se chama Maximiano Lemos, é escritor, e se ocupa da história da medicina?

— Diria, mestre, que essa seria a prova suprema do seu famoso método.

Pois Watson, é escritor, como o mostram o polegar e o index direitos manchados de tinta. E vê você aqueles quatro volumes que todos dizem na lombada *Ribeiro Sanches, por Maximiano Lemos*? Eles provam que o indivíduo que os conduz é o autor, que os vai ofertar a alguns amigos, pois outra pessoa não traria na mão quatro exemplares da mesma obra. De resto nos botões de punhos vê-se um M e um L entrelaçados. E sendo o livro sobre um médico antigo o autor ocupa-se de

história da medicina. E aí tem, Watson, concluiu Sherlock Holmes, enchendo novamente o seu cachimbo.

Então levantei-me e dirigindo-me ao homem gordo disse-lhe:

— O cavalheiro faz o favor de dizer-me como se chama?

— Manuel Luís.

A sua profissão?

— Caixeiro de livraria.

— Mora em Gaia?

— Não, moro em Rio Tinto.

— É casado, certamente?

— Sou viúvo.

— Tem filhos?

— Tenho quatro.

— E assim desperdiça dinheiro em gorjetas aos condutores dos eléctricos?

— Perdão, eu não desperdiço nada. Mandei o condutor ficar com os 60 réis, que lhe devia por não ter troco um dia destes.

— Conhece aquele quintanista que vinha aqui defronte?

— Conheço. Deve bastante dinheiro lá na livraria.

— E aquele sargento que lhe fez a continência?

— Não conheço, mas conhece-me ele que sou alferes da reserva.

Olhei para o lado. Sherlock Holmes tinha desaparecido.

Conan Doyle»

É desta sorte que Meira, imitando o criador de Sherlock Holmes, com o seu método dedutivo *infallível*, termina por um fracasso desse mesmo método, remate muito próprio da irreverência engenhosa de João de Meira.

Pois foi o vosso estranho conterrâneo quem levava ao Porto Sherlock Holmes, em fantasia de singular qualidade, fazendo-o intervir como detective num não menos fantasiado crime cometido na capital do norte.

Parece-nos oportuno recordar, como em outro ensejo fizemos, que o grande Professor de Medicina Legal francês, Edmond Locard, dizia o seguinte sobre Sherlock

Holmes ou, melhor sobre Conan Doyle, comparando-o com os processos actuais (laboratório científico, etc.):

«dedutivo ou analógico, o método de Holmes é perfeito porque é aplicado adequadamente ao seu fim» (1)

«Manejado pelo homem de génio de quem Watson nos conta os altos feitos, ele conduz ao sucesso quase seguro... Raros problemas lhe ficam insolúveis. Na imensa maioria dos casos ele vence pelo impecável rigor do seu método.» (2)

Tudo em Holmes é para imitar, diz o Professor Lionês: — «sua especialização, sua competência, técnica... Mas onde fica o mestre é na escolha feliz da hipótese, na intuição que não se aprende, na força lógica.» (3)

Sem contar, vincámo-lo nós, a beleza de algumas das páginas de Conan Doyle, de certas considerações paisagísticas e certos diálogos, de certas explanações filosóficas ou psicológicas, em que se marca como um delicado e invulgar literato.

E repetindo, nesta oportunidade, o que já em tempo escrevi, relembro ainda o Professor Locard no seu livro, referindo-se ao aparecimento dos laboratórios de Polícia: «Via-se, enfim, tal como nos romances de Conan Doyle, descobrir um criminoso sem outro meio que a observação dos vestígios e raciocínio. O programa traçado pelos polícias de romance estava realizado pelos polícias de laboratório.» (4)

Ao falar da História do romance policial disse o crítico brasileiro Professor Cândido Mota, Filho, sobre o seu nascimento: (5)

«Quando o público começou a tomar gosto pelo romance policial, certo pedantismo literário disse que ele era o fruto do mau gosto da nova época, da perversão cultural do grande público, da pobreza mental das massas, da grosseira sensibilidade do homem comum...»

Poderíamos aqui referir, agora, um pouco da história em que entram figuras que muitos de vós conhe-

(1) EDMOND LOCARD. *Policiers de roman et de laboratoire*.

(2) e (3) Id. Id.

(4) E. LOCARD. *Traité de Criminalistique*. Lião, 1931. I (21, 29) e II (521, 637, 803).

(5) CÂNDIDO MOTA, Filho. *O romance policial*. «Investigações». 18-II. S. Paulo, 1950.

ceis, autores e actores, Edgar Poe, Montepin, Ponson de Terrail, Dumas, Gaboriau, o Santo, Perry Mason, Nick Carter, Leblanc, Sarton, Leroux; o *Fantomas* do espantoso filme de há quase cinquenta anos; os *Mistérios de Nova Iorque*; Van Dine, Stevenson, Maigret, Simenon e tantos mais.

Em Portugal, desde o *Mistério da Estrada de Sintra* de Eça e Ramalho ou *Os Mistérios de Lisboa*, de Camilo, às obras de Arnaldo Gama ou Possolo Homem e Leite Bastos, ou, ainda, o Repórter X, haveria algo que dizer a tal respeito.

Mas, passemos ao conto de Meira, *o cadáver que se evade* da Morgue do Porto, conto que não posso aqui ler, pois com isso gastaríamos uma hora. Lembramos apenas como o gerou e desenvolveu, há meio século.

Depois de referir que Sherlock Holmes, com Watson, amigo, secretário e seu assistente, viera restabelecer-se de certa doença ao Porto, onde era grande a colónia inglesa, e de informar que alugaram casa na Rua do Calvário, surge-lhes certo dia, afitíssimo, o Director da Morgue, de onde desaparecera um cadáver que ali deveria ser autopsiado.

Sherlock aceita o convite e procede à investigação do caso, que leva a bom termo, como era de esperar (!).

Mas as deduções que a tal o conduzem, as peripécias, do caso, o seu desfecho e tantas outras circunstâncias fazem do conto de Meira uma espécie digna de figurar na Antologia dos romances policiaes portugueses.

E já conta cinquenta e um anos!

Minhas Senhoras e Meus senhores,

Não posso importunar-vos mais, que a noite vai já longa e a vossa paciência é muito curta. Por isso remato esta breve e desentoada notícia biográfica de João de Meira, que foi ilustre Professor da Faculdade

(1) Leia-se a explanação deste assunto no citado número da «Revista de Guimarães» (1921, 3), onde demos largos extractos deste conto, que fora impresso na revista *Mundo Ilustrado* (Porto, 1912).

de Medicina do Porto, Director da Morgue, emérito historiador, poeta distinto.

Para o fazer, sentidamente releio ainda o soneto em que imita António Nobre, esse poeta torturado e singular do *Só* (1):

À Senhora da Boa Nova de Leça da Palmeira

*Na triste capelinha ao pé da qual
Se Deus quiser, um dia hei-de morar,
ficarei junto à porta principal,
para o povo, na entrada me pisar.*

*E dirá o bom Povo, quando entrar,
vendo a pedra que esconde o meu coval:
— Anto lá está, liberto enfim do mal.
E à Senhora por mim há-de rezar.*

*Há-de rezar por mim com devoção;
Virgem da Boa Nova, ouvi-lhe a prece
que aos rudes lábios manda o coração.*

*E pois não lembra quem desaparece,
dizei ao povo não me esqueça, não,
que minha alma também o não esquece.*

Na verdade, João de Meira ali está, à porta da capelinha da freguesia de Gominhães, nesta terra vimaranense que tanto amou, sepultado como desejava, pisada e repisada pelo Povo a campa rasa:

*E pois não lembra quem desaparece
dizei ao povo não me esqueça, não
que minha alma também o não esquece!*

(1) JOÃO DE MEIRA. *Reincidência*. Ob. cit.